

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 119 - 124

Carta a José Luandino Vieira

Fernando Paixão

Companheiro,

Algumas histórias se oferecem no papel como o ofício da aranha a urdir as suas sinas, num dizer tecido em fios, num firme anelar de palavras que a produção do texto instaura, reprocessando sinais conhecidos, referenciais do tempo, marcas e manchas do país. Essas histórias se armam para os leitores à maneira de um trem fantasma cujo túnel percorremos suspensos e cerzidos:fantasmados na linguagem. É quando o olho e a letra se encontram a produzir essa eletricidade luminosa da leitura. É quando a história tem dentro dela um espaço quente que a gente se põe a ocupar. Luandino, foi assim que me deparei com os seus casos de Luuanda.<sup>(1)</sup> Três lições de bemcontar o que se passa na raiz das pupilas. Três histórias que funcionam como fotografias (não no sentido do realismo, mas de evidência crua) e que testemunham o quan

---

Fernando Paixão é poeta (Rosa dos Tempos, 1980) e aluno da pós-graduação de Teoria Literária do IEL-UNICAMP.

to o colonialismo com toda a sua violência social e econômica habita o nervo dos gestos mais cotidianos. Histórias que são cirandas de palavras a desvelar a compressão do terror nos centímetros da realidade quando a ciranda cotidiana apenas se move em torno da exploração do homem: "Tinha mais de dois meses e chuva não caía. Por todos os lados do musseque, os pequenos filhos do capim de novembro estavam vestidos com pele de poeira vermelha espalhada pelos ventos dos jipes das patrulhas zunindo no meio de ruas e becos, de cubatas armadas à toa".

Ponho-me agora a imaginar quanta ira você terá purificado, ao domesticar o texto, para que ela surtisse renascida em nós, leitores. Ponho-me a te imaginar, recolhido no Pavilhão Prisional da PIDE e nas masmorras da 1.ª Esquadra da P.S.P.A., de Luanda, a escrever a história do garoto Zeca Santos e sua "Vavô Xixi". A infância do menino, nascido dentro da fome, reabria como fábula exemplar a possibilidade de romper com o círculo vicioso da miséria, ou, pelo contrário, seria ele uma vítima a mais no carrocel das gerações mutiladas? Não se sabe, que a tua história termina em suspenso a falar da pesada tristeza a encher o corpo do menino. De qualquer modo, uma ligação fundamental talvez te unisse ao personagem: contra a fome, o menino usava da sagacidade e da esperteza; contra a prisão, você (o autor mesmo que o concebia) recriava pelas forças da infância o espaço da liberdade própria, soprava a chama da denúncia reacendida.

Curtos-circuitos como este atravessam o

seu livro; sintonias mágicas — e reais — a enfeixar a produção de literária idade. Senão, como explicar o fechamento da Sociedade Portuguesa de Escritores pelo governo salazarista depois de ver outorgado a Luuanda o Grande Prêmio de Novelística de 1965? Que perigo oferecia este animal tão constantemente domesticado, o livro? Qualquer raciocínio lógico pouco ajuda a explicar, nestes casos, tamanha brutalidade. E. como esse, outros exemplos fora do literário confirmam-se de fantástico realismo. Veja isto: há poucas semanas, no Chile, com temor pelo barulho de panelas que vinha de dentro das casas, em manifestação que cunhava mais um dia de protesto, o governo do general Pinochet ordenou atirar contra as paredes das casas, desproporcionais rostos de barro, chegando a matar trinta e uma pessoas. No caso, o som que sai do teu livro se parece com o das panelas.

Por isso mesmo fui gostando das suas páginas sem muita vontade para explicá-las. Fui mergulhando na sua musicalidade triste. Você, contando os detalhes das histórias como quem desconta aquilo que conta. O que vale é a cicatriz do texto: "Pode mesmo a gente saber, com a certeza, como é um caso que começou, aonde começou, por quê, pra quê, quem?" Permanece, contudo, o fio dos fatos — uma cadeia de necessidades — a mostrar sua tensão e resistência: "Ou tudo que passa na vida não pode-se-lhe agarrar no princípio, quando chega nesse princípio vê afinal esse mesmo princípio e então, se a gente segue assim, para trás ou para frente, vê que não pode se par

tir o fio da vida, mesmo que está podre nalgum lado, ele sempre se emenda noutro sítio, cresce, desvia, foge, avança, curva, pára, esconde, aparece..."

Estica-se um homem e ele acontece deflagrado nos gestos, portanto. Como na segunda história de Luuanda, em que o aleijado Garrido se vê humilhado pela adorada Inácia, derramada de encantos apenas para o papagaio Jacô. Crescendo na raiva e no ciúme, Garrido decide roubar o papagaio e dar uma lição de evidência àquele tagarela gozador. Acaba preso antes de consumir o fato e vai deixar na cadeia que suas emoções invernem. Mas, no final das contas a história de Garrido, como a nossa de cada dia, acaba feita de pontas que se emendam. Você mesmo adverte: "O fio da vida que mostra o quê, e como das conversas, mesmo que está podre não parte. Puxando-lhe emendando-lhe, sempre a gente encontra um princípio num sítio qualquer, mesmo que esse princípio é o fim doutro princípio. Os pensamentos na cabeça das pessoas têm ainda de começar em qualquer parte, qualquer dia, qualquer caso. Só o que precisa é procurar saber".

Em outras palavras: cair num matagal de signos e encontrar direção não é pouca coisa. Ainda que os atalhos se encaminhem contra um muro a destruir. Falo assim, Luandino, porque o toque que mais me atraiu no teu livro foram as artes e manhas do texto a revelar no homem colonizado uma fenda de onde brota outra substância a fazer a ligadura das relações. Suas histórias pregam a solidariedade como metal nobre dos corpos. Difícil de ser en

contrado, mas que, por pouco que seja, nos banha de sentido. Assim já havia sido com A vida verdadeira de Domingos Xavier,<sup>(2)</sup> livro ainda mais repleto nas entrelinhas. E continuou em Lúuanda com o máximo vigor, como mostra a "Estória da galinha e do ovo", uma história não só de Angola mas de todos os lugares onde a propriedade privada faz os homens se enredarem num sofisma de matemática exatidão. Se uma galinha é de fulano e ela vem botar o ovo no meu quintal, afinal de quem é o ovo? Do jeito que estamos, dá-se mil voltas na razão e a incógnita permanece em pé.

Como a proprietária do ovo e a da galinha, a impressão que fica na leitura do livro é, com tantas semelhanças a nos aderir aos personagens, que também nós estamos postos à margem daquilo que nos governa. Não só os angolanos do musseque. Também os deste lado do mar estamos atados a colonialismos (no plural dos plurais) que centrifugam nossos gestos, idéias, emoções e últimos pedaços de identidade. Pelo menos suas histórias, Luandino, acreditam em alguma paixão, movem-se a coletar centelhas de solidárias atitudes que semeiam o espaço coletivo. Sim, porque, pelo teu contar, a dona do ovo e a dona da galinha se confraternizam depois da confusão paradoxal, já que não vale a pena quebrar o ovo da barriga de uma delas que está para nascer.

Pois bem, assim fecundada também uma história é um ovo. Produz nascimentos que nem a distância dos continentes impede. Cada leitor faz o seu ninho, que

eu acabo de fazer o meu.

E porque as letras são a saudação possível:  
receba o abraço destas palavras!

---

#### REFERÊNCIAS

1. VIEIRA, José Luandino - Luuanda. São Paulo, Ática, 1982.
2. VIEIRA, José Luandino - A vida verdadeira de Domingos Xavier. São Paulo, Ática, s/d.